

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E FINANÇAS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

TEMA: A SITUAÇÃO DA COTONICULTURA  
HOJE NO NORDESTE DO BRASIL.

ÓRGÃO: EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA  
AGROPECUÁRIA - EMBRAPA .

ORIENTADORA: MARIA DE LOURDES FARIAS AGRA

ALUNA: MARIA DAS GRAÇAS OLIVEIRA

CURSO: BACHARELADO EM ECONOMIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: RURAL

MATRÍCULA: 8413237-9

PERÍODO: 89.2



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2021.

Sumé - PB

## A P R E S E N T A Ç Ã O

O presente relatório faz parte das atividades desenvolvidas durante o meu Estágio Supervisionado. O estágio foi realizado no setor de Economia do Centro Nacional de Pesquisa do Algodão (CNPA) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA; e teve a duração de 270 horas no período de Outubro à *dezembro* de 1997.

Para a realização deste trabalho tive como orientadora a Professora Maria de Lourdes Farias Agra.

## I N T R O D U Ç Ã O

Este relatório tem como objeto de estudo a situação da cotonicultura hoje no Nordeste brasileiro, pretende-se fazer uma análise do impacto causado pelo declínio da produção de algodão na região nordestina a partir das informações obtidas na pesquisa realizada pelo Centro Nacional de Pesquisa do Algodão (CNPA), que segue em anexo, na qual participarei realizando a tabulação dos questionários.

O algodão é originário de regiões, tropicais, mas tem preferência por climas quentes embora existam outras variedades que se adaptam bem no clima de regiões não muito quentes, como é o caso do desenvolvimento da cultura na região centro sul do país.

No nordeste brasileiro são cultivados os tipos arbóreo e herbáceo. Sendo que o primeiro tipo é encontrado nas zonas semi-áridas do sertão do Ceará, no Seridó e no sertão do Rio Grande do Norte e Paraíba, alto sertão do Estado de Pernambuco e o sertão do Piauí, onde o algodão é plantado em consórcio com o milho e o feijão. E o segundo tipo cultivava-se nas zonas úmidas e semi-úmidas do Agreste e da Zona da Mata dos Estados do Rio Grande do Norte do Polígono das Secas com prioridade nos terrenos aluviais das margens do Rio Parnaíba e do Mearen no Maranhão, e do Parnaíba do Piauí, e nos vales do rio Acaraú e no Jaguaribe, no Ceará.

Sabe-se que no Nordeste a má distribuição das chuvas que assola toda região, compromete toda a produção regional, tendo em vista, a dependência do regime pluviométrico, determinação de se cultivar o algodão sob condições irrigáveis se faz necessário.

Essa cultura também é atacada por um grande número de pragas e é a que consome grande quantidade de inseticidas no Brasil. Por isso nem ocorrendo problemas nas diversas áreas algodoeiras do país, e no Nordeste nos seus vários Estados produtores, a presença do "bicudo" tem sido um dos fatores que limitam a expansão da cotonicultura, ficando até mesmo difícil manter níveis já atingidos em safras anteriores. Isto porque com a ocorrência do bicudo do algodoeiro tradicional de produção adotado pelos produtores não evitam os prejuízos causados pelo bicudo, e que portanto, necessário se faz o uso de inovações tecnológicas ao sistema de produção.

#### A ECONOMIA ALGODOEIRA

Atualmente o Brasil ocupa o sexto lugar como produtor e consumidor mundial de fibras de algodão, somente ultrapassado pelos EUA, URSS, China, Índia e Paquistão. Chegando a cultivar mais de tres milhões de hectares com efetiva participação na geração de divisas para o país.

As áreas de produção da cultura algodoeira centralizam-se nas regiões Meridional e Setentrional, destacando-se os Estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso do Sul, Goiás, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Alagoas, Rio Grande do Norte e Mato Grosso.

O algodão é um dos principais produtos agrícolas do Brasil, tanto para o setor de exportação como para a indústria têxtil do país. É um produto que proporciona a formação de rendas tanto no setor primário quanto no secundário, portanto, emprega grande contingente de mão-de-obra no campo e na cidade.

A cotonicultura sob o ponto de vista social é a atividade agrícola que mais emprega mão-de-obra apenas na região NE o setor algodoeiro, antes do surgimento do bicudo, gerava mais de três milhões de empregos diretos, e hoje estima-se que 75% esteja fora do processo de produção algodoeira. Portanto é um produto de significativa importação econômica para o país e principalmente para a região NE.

O impacto do bicudo na produção algodoeira nordestina:

A produção de algodão arbóreo e herbáceo em caroço na safra de 83/84 foi respectivamente, 224.510 toneladas e 402.265 toneladas, e na safra de 86/87, estimativa de junho/87, se espera uma produção de 52.228 toneladas e 32.662 toneladas de algodão em caroço. Um decréscimo de produção de algodão arbóreo de ordem de 77% e herbáceo de 92%, em relação a níveis atingidos anteriormente. conseqüentemente temos um declínio bem acentuado da produção de matérias-primas para o mercado nordestino e isto acarreta uma série de outros problemas como: diminuição da oferta de emprego, da arrecadação de impostos pelos Estados da região, etc.

A opinião dos cotonicultores o declínio da produção de algodão no NE que se observa, se deve em primeiro lugar às adversidades climáticas, aliadas na maioria das safras, à carência de sementes selecionadas, e ao surgimento de pragas que atacam a lavoura algodoeira; e em segundo lugar em função das pragas que assolam a região está o Estado, que é o grande responsável pelo crédito rural, pela assistência técnica e pela pesquisa necessária para o desenvolvimento da cultura. A política utilizada no

NE para incentivar à produção na região, está voltada para as culturas da cana-de-açúcar, do cacau e da pecuária. Os créditos destinados à cotonicultura são poucos em relação ao número de produtores e são dirigidos apenas aos grandes produtores.

Os pequenos produtores não conseguem obter financiamentos, por não possuírem as garantias exigidas pelos agentes financeiros, os quais não se interessam em custear as operações de pequena soma

Portanto, conclui-se preliminarmente que a situação atual da cultura do algodão no NE face ao aparecimento do bicudo, é de uma economia regional fracassada, mas que essa observação não caracterize o NE como a região inviável para a produção algodoeira.

O NE tem amplas possibilidades para soerguer a cultura, apesar das irregularidades climáticas possui grande potencial de água armazenada.

Os níveis atuais de produtividade são baixos devido à várias causas como: utilização de sementes de má qualidade, a má conservação do solo, não existe um combate efetivo às pragas e ervas daninhas, às deficiências na estrutura fundiária e principalmente aos precários estímulos governamentais. E temos como consequência a substituição de campos antes cultivados com algodão por outras culturas.

Com o surgimento do bicudo foram apontados, por pesquisas realizadas, como solução às culturas alternativas do amendoim, gergelim, girassol e mamona, mas para os produtores não existe nenhuma cultura que substitua o algodão em termos de rentabilidade.

Para os cotonicultores a cultura algodoeira é a única rentável ao longo do ano.

## C O N C L U S Ã O

Para reverter a situação da cotonicultura na região NE seria necessário estimular o plantio do algodão objetivando a melhoria da quantidade e da qualidade desta cultura, através de uma ação conjunta entre governo e cotonicultores.

O Estado, no sentido de promover a assistência creditícia com juros mais baixos, e prover os cotonicultores de uma assistência técnica capaz de dar condições necessárias ao desenvolvimento da cultura.

E os cotonicultores utilizando os incentivos governamentais voltados exclusivamente para a cultura algodoeira.

E é através desses incentivos que se pode adquirir máquinas e equipamentos, sementes de boa qualidade inseticidas, etc., necessários à produção.

Quanto às condições climáticas, que são apontadas como a principal causa que limita a expansão da cotonicultura, pode-se superar esta cultura através do uso da irrigação, a região possui condições de desenvolver um conjunto de técnicas de irrigação necessários à construção de toda uma infra-estrutura produtiva.



TABELA: Quantificação Produtoria de Oropápio cultivado nas Regiões Nordeste, 1970 à 1989 em 3 anos

UF	PRODUÇÃO EM CARROÇO (1.000 T)									PRODUÇÃO MÉDIA (1.000 T)		PARTICIPAÇÃO %
	70	75	80	85	86	87	88	**89	70-80	85-89		
MA	14,60	11,92	12,49	6,75	6,39	3,70	1,75	2,29	12,93	4,17	32,2	
PI	7,73	29,65	17,54	47,08	43,83	16,58	13,72	13,64	18,31	26,97	147,3	
CE	160,62	188,10	131,25	65,70	30,47	23,86	41,16	44,71	160,00	41,18	27,5	
RN	43,57	82,31	15,62	24,97	8,11	2,86	14,23	14,71	47,16	12,97	27,4	
PB	57,65	65,04	40,65	26,75	14,65	8,78	19,34	18,76	54,44	17,65	27,2	
PE	48,10	36,02	14,85	15,91	2,90	4,64	8,63	8,25	34,00	9,26	—	
AL	4,33	1,08	—	—	—	—	—	—	1,82	—	—	
SE	3,42	—	—	—	—	—	—	—	1,14	—	—	
BA	75,92	4,15	1,13	0,94	3,12	6,64	0,48	—	27,06	2,36	8,7	
NA	416,00	418,06	236,53	188,10	85,60	61,46	99,32	102,36	356,87	107,37	30,1	
BR	693,30	448,08	236,53	188,10	85,60	61,46	99,32	102,36	449,30	107,37	33,9	
<del>NA</del> BR	60	100	100	100	100	100	100	100	86,67	100	115,4	

FONTE : IBGE

\* Unidades de Federação

\*\* Dados Preliminares relativos à Reforma

TABELA: Rendimentos médio de algodão arbóreo na Região Nordeste, 1970 à 1989  
ano Brasil.

* UF	RENDIMENTO (Kg/ha)								RENDIMENTO MÉDIO (1000t)		PARTICIPAÇÃO % $\frac{85-89}{10-80} \times 100$
	70	75	80	85	86	87	88	**89	70-80	85-89	
MA	224	306	237	206	219	169	110	242	255	189	74
PI	80	200	106	312	282	104	84	84	128	173	135
CE	144	180	105	146	74	87	144	177	143	125	87
RN	100	884	61	78	31	39	138	136	115	84	73
PB	136	144	87	161	66	82	184	190	122	123	101
PE	160	188	114	93	105	78	144	150	154	127	82
AL	165	378	-	-	-	-	-	-	181	-	-
SE	219	0	0	0	0	0	0	0	73	0	0
BA	405	539	491	540	598	382	588	-	478	421	88
NE	164	179	100	91	73	88	137	149	148	108	73
BR	246	179	100	91	73	88	137	155	145	109	62
$\frac{NE \times 100}{BR}$	67	100	100	100	100	100	100	96	89	100	-

FONTE: IBGE

\* Unidades da Federação

\*\* Dados Oculimétricos relativos a produtividade

TABELA: Quantidade produzida de algodão herbáceo na Região Nordeste e no Brasil, 1970 à 8

* UF	PRODUÇÃO (1.000 T)							PRODUÇÃO MÉDIA (1.000 T)		PARTICIPAÇÃO % 85-89 / 10-80 x 100	
	70	75	80	85	86	87	88	** 89	10-80		85-89
MA	10,22	1,18	0,49	0,97	1,82	1,01	0,84	1,02	3,96	1,04	2,63
PI	2,15	3,52	2,65	40,63	35,75	13,29	14,59	18,39	2,77	23,39	844,4
CE	11,28	27,30	10,53	114,44	68,35	6,36	90,64	98,73	16,37	78,28	418,2
RN	11,35	26,17	16,46	20,55	7,01	1,86	19,64	21,12	18,00	14,40	80,0
PB	17,17	42,62	33,80	52,47	12,22	2,46	14,47	17,83	31,20	21,14	67,8
PE	14,48	29,32	4,13	34,03	14,87	2,88	7,91	9,15	16,98	14,63	86,2
AL	6,03	23,34	9,79	20,07	19,16	7,15	3,24	5,03	13,05	14,90	114,2
SE	1,62	5,03	0,62	10,47	9,46	2,24	3,39	6,39	2,42	6,00	247,9
BA	26,62	65,84	65,88	161,19	219,45	51,93	324,07	383,51	52,78	179,95	340,9
Ne	100,92	224,32	147,43	452,82	388,12	127,07	482,08	597,21	157,56	360,97	224,5
BR	1261,70	1327,70	1437,92	2651,66	2.198,15	1.611,94	2.436,31	2.647,63	1.342,44	2.148,83	160,1
$\frac{Ne}{BR} \times 100$	8	16,9	10,2	17,1	17,6	7,9	19,8	20,9	11,7	16,32	139,4

FONTE : IBGE

\* Unidades da Federação

\*\* Dados Preliminares sujeitos a reatipificação

TABELA: Rendimento médio de adubos herbáceos na Região do Nordeste, 1970 a 1989  
 e no Brasil

* UF	RENDIMENTO (Kg/ha.)										RENDIMENTO MÉDIO (1.000T)		PARTICIPAÇÃO %
	70	75	80	85	86	87	88	** 89	70-80	85-89	85-89/70-80	X 100	
MA	229	220	662	595	575	587	582	558	340	549,4	156,6		
PI	168	350	438	662	551	353	432	432	318	486,0	152,8		
CE	192	265	195	344	195	187	527	576	245	341,8	151,7		
RN	226	328	103	129	98	298	416	479	108	284,0	143,4		
PB	276	299	197	270	177	181	500	446	267	362,8	135,8		
PE	228	208	191	568	310	197	432	543	239	410,0	171,5		
AL	231	269	187	293	243	179	84	360	208	231,8	111,4		
SE	208	542	160	309	268	198	139	277	212	238,2	112,3		
BA	266	333	879	1.247	1.090	293	981	534	563	829,0	147,5		
Ne	237	350	263	449	406	376	687	525	277	488,6	176,3		
BR	849	860	1.063	1.181	1.101	1.262	1.336	1.187	984	1.213,4	131,3		
100x $\frac{Ne}{BR}$	28,0	38,7	24,7	38,0	36,9	29,8	51,4	44,2	30,5	40,1	-		

FONTE: IBGE

\* Unidades da Federação

\*\* Dados preliminares sujeitos a revisão

TABELA: 10 Países Produtoras de Algodão, 1980 a 1989.  
(De Maior Produção) em 1.000 T.

PAÍSES	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89
EUA	2,175	2,513	3,185	2,826	2,924	2,826	2,924	2,119	3,214	3,251
URSS	1,919	2,656	2,628	2,597	2,782	2,597	2,782	2,660	2,470	2,743
CHINA	1,456	1,290	2,363	1,726	1,955	1,726	1,955	3,615	4,479	4,818
ÍNDIA	1,044	2,438	1,363	1,253	1,147	1,253	1,147	1,615	1,478	1,820
PAQUISTÃO	541	438	483	399	435	399	435	403	352	391
BRASIL	580	529	577	965	793	965	793	633	760	863
EGITO	536	635	728	1,008	1,216	1,008	1,216	518	1,467	1,440
TURQUIA	400	599	477	580	518	580	518	139	537	650
MÉXICO	379	484	328	242	220	242	220	165	223	253
SUDÃO	246	220	114	203	142	203	142	164	149	134
TOTAL Mundial	11,437	14,040	14,074	19,203	17,443	19,203	17,443	15,420	17,520	18,813

FONTE COTTON: World Statistics

REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS

- Crisóstomo, J.R e Bandeira C.I.  
Proposições sobre a melhoria da cultura algodoeira no Ceará. Campina Grande, EMBRAPA - CNPA 1986
  
- Barreiro Neto Et Alli  
Causa da baixa produtividade da cultura do algodoeiro mocó (arbóreo) no Nordeste do Brasil.  
Campina Grande - Pb.
  
- O algodão e Tecnologias Disponíveis no Nordeste Brasileiro.  
Autores:  
Beltrão, N.E de N, Crisóstomo, J.R. Nóbrega, L.B dos Santos, E.O dos, Azevedo, D.M.P. de, Vieira, D.J., Guimarães, P.M., Silva, M.J. da.
  
- O Bicudo do algodoeiro  
Sebastião Barbosa  
Maurice J. Lucefhs - Raimundo Braga Sobrinho.  
Anexo: Tabelas do CNPA tabuladas pela estagiária  
Maria das Graças Oliveira.